

CONFIDENCIAL

PROT. N.º 2490 2.ª Seção EM 79
Data da Entrada 16/03 179

Form. 100/100

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

- C I S A -

10 AÇO 1979

VAZ 82.116, P 1/7

- 1 - ASSUNTO _____ "ENCONTRO DOS TRABALHADORES BRASILEIROS" EM LISBOA
- 2 - ORDEM _____ CISA-RJ
- 3 - DIFUSÃO _____ AC/SNI-CIE-CENIMAR-CI/DPF-EMAER-CISA/BR-A2/I-II-III-IV-V-VI COMAR-COMCOS-ARJ/SNI-I EX
- 4 - DIFUSÃO ANTERIOR _____ + + + + +
- 5 - ANEXO XEROX de 4 artigos.



NUMERAÇÃO		INFORMAÇÃO Nº
M Aer	PNI	
		0684 /CISA-RJ

002/12-2

Em anexo, XEROX de artigos publicados em Jun 79 pela imprensa não dominada pelos partidos comunistas e socialistas, em Lisboa, a propósito da realização do Encontro dos Trabalhistas Brasileiros, convocado por LEONEL BRIZOLA, patrocinado pelo Partido Socialista Português e realizado com auxílios financeiros indefinidos.

////////////////////////////////////

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTES DOCUMENTOS (Art. 12, do Dec. n.º 79.099, de 06. Jan. 79 - Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

CONFIDENCIAL

DATA: 19-6-79

Brizola: um discurso memorável em Lisboa

«PTB É FORÇA ANTAGÓNICA AO REGIME MILITAR DO BRASIL»

★ Congresso no Rio de Janeiro em 1980

Leonel Brizola, no encontro dos trabalhistas brasileiros, que decorre em Lisboa, afirmou que «o PTB é a força antagónica ao regime militar, que o MDB, como frente das oposições, não é».

Esta declaração estava contida num discurso que o dirigente do partido pronunciou ontem, e que os observadores consideraram «o maior de sempre», só comparável ao que proferiu em 1961, quando da «campanha da legalidade» e do golpe que evitou a tomada de posse de João Goulart.

Brizola desenvolveu a sua tese partindo de três comunicações, duas da autoria do ex-vice-presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, Mateus Schmidt, e outra de Sebastião Nery.

Nos dois primeiros documentos, fazia-se referência ao problema de organização e definição da linha política do partido, sobretudo no Sul do Brasil, levantados mais pelo crescimento, do que por carências do PTB, dado «o excesso de mobilização popular».

● «Democracia socialista é a meta»

No último documento, subscrito por Sebastião Nery, referia-se, a necessidade da definição de «uma política clara», face ao movimento sindical, à juventude (já que cerca de 50 milhões de brasileiros não conhecem o PTB), e em relação às alianças que devem «ir da igreja ao Partido Comunista».

Brizola, apoiando qualquer das teses, apresentadas, desenvolveu os pontos-chave de uma linha programática e de organização do PTB, dentro de uma «democracia interna, não monolítica e pluralista».

A ideologia do PTB deve ter como meta, para os trabalhistas brasileiros presentes em Lisboa, a «democracia socialista» e como última instância «o socialismo democrático, que rejeita qualquer tipo de autoritarismo».

Para tanto, defendeu Brizola, o programa e a ideologia do PTB devem ser «bem claros e não voltarem a ter os vícios dos partidos brasileiros anteriores ao golpe militar».

«Quem quiser entrar para o PTB — acrescentou — só para ser eleito deputado e para fazer carreira ou negócios está a tomar o comboio errado.»

● «O autoritarismo é mau conselheiro»

Face à queda iminente de Somoza, os trabalhistas reunidos, pronunciaram-se dizendo que «depois do Irão e da Nicarágua, até as forças internacionais que apoiam o regime autoritário brasileiro já devem saber que o autoritarismo é mau conselheiro».

Foi também levantada a questão das Forças Armadas no Brasil, acerca das quais não existe «preocupação de maior», pois que estão convictos de que «a organização popular,

através de um partido popular prestigiado e forte vai discipliná-las». E afirmou-se, ainda que «há que perder a ilusão de procurar salvadores dentro das Forças Armadas».

O encontro, que reuniu 140 trabalhistas, dos quais 82 vieram do Brasil e 58 do exílio (Estados Unidos, México, Portu-

ALFREDO HELIO SYRKIS (sequestrador de 2 Embaixadores)

EXIGIDA AMNISTIA PARA 200 POLÍTICOS

Um porta-voz dos trabalhistas, Marcelo Dias, disse ao JN que os 200 políticos presos actualmente no Brasil deverão ser postos em liberdade incondicional «muito oportunamente».

Referiu que uma das doze comissões constituídas nas sessões de trabalho que decorreram na sede do Partido Socialista, ao Largo do Rato, em Lisboa, agrupando 150 elementos, se ocupou exclusivamente da situação dos presos políticos brasileiros, tendo sido votada uma moção exigindo amnistia total e refutando qualquer «amnistia parcelar» do tipo da que recentemente foi anunciada pelo governo brasileiro. «Trata-se de compatriotas democratas que pegaram em armas entre 1968 e 72» — concluiu.

Presente como observador, Aniceto Rodrigues, dirigente do Partido Socialista chileno, almoçou ontem com o secretário-geral do PS, Mário Soares, em Nafarros.

As duas sessões esteve presente também, como observador, um enviado do Partido Socialista Obrero Espanhol.

gal, Espanha, França, Alemanha Federal, Alemanha Democrática, Holanda, Suécia e Itália), concluiu ontem à noite os seus trabalhos estando programada para hoje, de manhã, uma conferência de Imprensa, para relato das conclusões finais.
Câ.icosqueo

● **Congresso
será em Abril
no Rio de Janeiro**

Os trabalhistas brasileiros decidiram que a partir deste momento devem concentrar os seus esforços na preparação e organização do Congresso Nacional do novo Partido Trabalhista Brasileiro, marcado, em princípio, para o dia 19 de Abril de 1980, para o Rio de Janeiro.

O comunicado final ontem divulgado à Imprensa aponta três compromissos que movem os trabalhistas no sentido de uma proposta ao povo brasileiro: o primeiro «é o de reconduzir o Brasil a uma institucionalidade democrática em que todo o poder emane do povo e seja por ele periodicamente controlado através de eleições livres e directas, nas quais todos os brasileiros de maioridade sejam eleitores e elegíveis»; o segundo compromisso, refere o comunicado, «é o de levantar as bandeiras do trabalhismo para reimplantar a liberdade sindical e o direito à greve, como os instrumentos fundamentais de luta de todos os que dependem do salário para viver»; o terceiro compromisso «é o de reverter as directrizes da política económica,

com o objectivo de afirmar, em lugar do primado do lucro, a prioridade de dar satisfação às necessidades vitais do povo».

O texto final lido por Ly-saneas Maciel, ex-deputado do MDB esclarece que o grande desafio com que se defrontam hoje os trabalhistas «é o

de se situarem no quadro político brasileiro para exercer o papel renovador que desempenhávamos antes de 1964 e a razão pela qual fomos proscritos».

DATA: 3-7-79

As bravatas do sr. Brizzola

Ao contrário do que possa pensar-se em Lisboa, o tal Encontro dos Trabalhadores brasileiros aí realizado não teve quaquar reperição no Brasil. Claro que os jornais deram-lhe uma boa cobertura. Mas, no país político, e no país comum, ninguém lhe deu a menor atenção. Do encontro, o único episódio que realmente teve foros de notícia de relzvo, foi a já famosa afirmação do sr. Leonel Brizzola de que iria disciplinar os militares.

É certo que, ao ter conhecimento de que o próprio Ministro do Exército, general Walter Pires, lhe havia dado o correctivo devido pela impertinente bravata, o sr. Brizzola apressou-se a desmentir o que dissera. Mas, essa atitude não passou de mais um erro, a juntar aos dois que, no mesmo assunto, já tinha cometido. Efectivamente, e em primeiro lugar, foi rotundo disparate ter ofendido as Forças Armadas do seu país, designadamente em declaração proferida no estrangeiro. Caso não tivesse cometido a *gaffe*, ao saber dela, deveria ter-se apressado a desmentila, de forma que não deixasse dúvidas a ninguém, e sem esperar pela reacção oficial que suscitou. Finalmente, sabendo o que tinha feito, se fosse um político hábil e maduro, ter-se-ia valido da importância que o Exército dera à declaração, mantinha-se e aguentava as consequências. Um colega de imprensa, antigo e dedicado colaborador de João Goulart e muito ligado ao sr. Brizzola, ao saber do comunicado do general Pires, disse-me, radiante: o encontro de Lisboa foi chocho mas o Brizzola acabou por sair dele aos ombros do Ministro do Exército.

Com o desmentido, caiu abaixo do andar e tudo se reduziu — Encontro e Brizzola — à sua verdadeira e medíocre dimensão.

É que, para os portugueses néscios, para os europeus e americanos atentos ao desenvolvimento recente de sua trajectória, o sr. Leonel Brizzola é um fervoroso e valente social-democrata (ou será antes socialista?) a caminho de errar no seu país a bandeira da democracia. Não é ele grande amigo e camarada do sr. Soares? Não é também, o afilhado político do sr. Willy Brandt? Não caiu nas boas graças da Internacional e do próprio Presidente Carter? Isso é o que fora do Brasil dele se sabe agora. No Brasil, contudo, sabe-se um pouco mais da sua vida e das suas atitudes. E até dos seus novos projectos e intenções.

O sr. Brizzola foi talvez o maior responsável pela degradação da situação política do Brasil nos anos que antecederam a revolução de 1964. Sem se afirmar comunista, a verdade é que fez todo o seu jogo de fragilização das estruturas democráticas e de tentativa de golpe de força apoiado nas estruturas do Partido Comunista. Desestabilizou o regime, enfraqueceu a Constituição, arriscou levar o país para a guerra civil e acabou fugindo para o estrangeiro, deixando os seus correligionários a braços com a ressaca de um temporal de que foi o primeiro responsável. É natural que, quando a amnistia for decretada e lhe passar o susto que o Ministro Walter Pires agora lhe meteu, acabe por regressar ao Brasil. Para quê?

Está na forja do Governo a preparação de base legislativa que permita a transformação

do regime de bipartidarismo em que se tel aqui vivido, por outro que possibilite e assegure uma representação mais ampla das grandes correntes de pensamento político. Entretanto, os dois partidos actuais, ARENA e MDB, tentam desesperadamente descortinar o que o futuro lhes reserva. O MDB, contudo, tem problemas específicos que muito lhe perturbam o caminho: maioritariamente constituído por democratas sinceros, que se bateram ao longo destes 15 anos pelo regresso à normalidade política que o Governo Figueiredo empreendeu, o MDB abriga também os elementos da esquerda e da esquerda radical que não haviam desistido da participação política directa. É a esses que interessa agora a vinda do sr. Brizzola. Para dele fazerem o seu líder? Nem por sombras: líderes, têm vários, e nenhum disposto a entregar o poder a um gopista deste jaez. O que pretendem dele, da sua contundência e do carisma que inegavelmente tem, é que consiga destruir a própria unidade do Partido da Oposição, e, mais do que isso, que comprometa todo o processo de democratização serena do Brasil. Querem que ele faça o que já fez aqui há anos, pois também eles sabem que, através do voto, nunca os comunistas chegaram ao poder.

A grave e solene advertência do Ministro do Exército explica-se melhor assim. É que também para o Exército o sr. Brizzola não tem em si mesmo qualquer importância. O que está por detrás da sua verborreia, e por detrás do próprio "Encontro" de Lisboa, porém, deve passar a ser seguido com o maior cuidado. Não é sem tempo.

Treino da subversão brasileira na complacência «deste país»

Haver-se este país transformado em valhacouto revolucionário já não é, valha a verdade, coisa que a alguém possa surpreender. Isso era constitutivo dos cravos vermelhos, e ainda agora não existirá homem habilitado a dizer-nos quanto banditismo político se encontra por aí coberto e amesandado. Referimo-nos neste passo, claro está, apenas ao de fora parte, pois o local está à vista de todos, e digamos de uma vez que é justa fraternidade — similia cum similibus.

Neste santuário da subversão e do terrorismo, obviamente não poderia faltar uma presença brasileira, e tanto mais quanto o anafado camarada terá recebido dos patrões a incumbência de inflamar a América Hispânica. Levando a desfaçatez de agente estrangeiro a evocar a fundação do seu partido (na Alemanha, em 1973) para augurar aos compinchas reunidos sob sua tutela um êxito similar. E o Brasil, se não quer ter a nossa desgraçada sorte, apenas tem que precaver-se dos cravos vermelhos que por lá andarão a ser cultivados...

HÁ POUCAS SEMANAS

Todaya, que o Soares e seus pequenos apadrinhem a fantochada e correlativo forrobodó, nada de estranhar: está-lhes na massa do sangue, onde houver que destruir é com eles. Já despertará alguma atenção, no entanto, que o latifundiário Brizzola se tenha sentido na obrigação de confessar-se muito grato às autoridades portuguesas pela permissão de actividades políticas aos exilados brasileiros. Não exactamente pelo agradecimento (restos de educação burguesa...), mas pela escarpachada revelação de um comportamento ofensivo das mais elementares regras de convivência internacional.

Em boa verdade, um país que se preze, se pode conceder refúgio a exilados, impõe-lhes que, no seu território, se abstenham de actividades políticas, sobretudo de conspirações para derrubarem os governos dos respectivos países. Mas o latifundiário Brizzola expressa-



Brizzola: a ameaça de fazer retroceder quinze anos a história do Brasil

mente se referiu — segundo a reportagem de "O Dia" — a que "as autoridades portuguesas (...) têm permitido o exercício de actividades políticas aos exilados brasileiros no quadro das acções destinadas a derrubar a ditadura militar". Um ponto é tudo, portanto, os poderosos deste país encaram com complacência, se não mes-

mo patrocinam, manobras tendentes à subversão de um Estado com o qual dizem manter as mais amistosas relações.

Perante este facto, naturalmente ocorre que, há poucas semanas, um émulo angolano de Brizzola (excluídos os latifúndios) foi convidado a deixar o país (e não expulso, apesar da verdade oficial, dado nenhum tribunal se ter pronunciado). Inversamente, além do dito cujo cuñado (de Jango, pois...) andar por aí à vontade, até se permitiu ao agitador Ju-lião cá entrar ilegalmente, talvez para estímulo da interessante malta que no Alentejo combate a GNR. Por onde se prova que a nossa (salvo seja!...) "diplomacia", paralela ou não, se mostra realmente um primor de duplo padrão, como é das regras privilegiando quanto possa contribuir para o fomento da subversão.

ANOTEM-SE OS OUTROS PARCEIROS

Claro está, a restauração da "democracia" explica muita coisa — e torna-se óbvio ser o Brasil uma "ditadura" tão feroz, tão feroz, que até permite um voo especial para uma das fartas dezenas de sujeitos de lá virem participar no ajuntamento. Decorrido numa das casas da malta da púrria soaresca, mas com festança em hotel caro a que nem faltou a animadora presença do dr. Sá Carneiro, certamente para exemplificar o nunca assaz cantado pluralismo de ciclone abrilino. Só gostaríamos de saber como reagiria a classe política se, considerando não ser possível exprimirem-se neste país todas as opiniões, qualquer organização brasileira convidasse a reunirem-se sob o seu patrocínio os portugueses silenciados, por igual no interior e no exílio.

Porque, vamos indo, nessa matéria até estamos melhor sortidos que os convivas do anafado camarada, e nem seria preciso recorrer a figuras equívocos ou sinistros. Com

efeito, enquanto a "ditadura" brasileira sobretudo atingiu a politicagem, a "democracia" abrilina enfrenesiu-se contra o escol português, de resto segundo o velho princípio de que a **má moeda expulsa a boa**. Mas também é verdade que semelhantes manobras por via de regra constituem património internacionalista, e quem dá o que tem a mais não é obrigado.

Em conclusão, para se apreciar bem o patrocínio que o anafado camarada, a mando da Internacional de que é 17.º vice-presidente, concedeu ao latifundiário Brizzola e seu grupo, basta anotar os restantes parceiros. Havia, claro está, o PSOE, da mesma empresa e agora reafirmadamente marxista; mas lá estavam também os democratíssimos PAIGC, MPLA e FRELIMO — bem como, para mais generosa promessa, da Frente Sandinista. Enfim, um cacharolite extre-

mamente dadivoso, que sobretudo terá sorrido ao agitador Julião, por certo saudoso da acção directa das "Ligas Camponesas".

Tanto quanto se sabe, a oposição brasileira propriamente dita não apreciou lá muito o espectáculo. — e tanto mais quanto conhece o estofo dos sujeitos acaudilhados pelo **cnhado** (de Janco, pois). Não parece, todavia, que isso possa ter grande importância, tendo-se em conta que, **democraticamente**, são os empresários (ou os seus agentes) a decidir e estes nomearam contra-regra o fiel Soares. Que, se os brasileiros não gostarem, poderá explicar aos seus novos protegidos aquela excelente receita dos saneamentos — e a outra, ainda melhor, dá imprensa mais livre do mundo com penas de prisão de verdadeira democracia popular para qualquer voz discordante...

Soares, anfitrião de marginais

Quando, em Dezembro de 1976, Mário Soares (então Primeiro-Ministro) visitou o Brasil durante uma semana disse, ao regressar a Lisboa, que a viagem tinha marcado "uma data histórica da amizade" entre Portugal e aquele país. Antes, ainda no Brasil, tinha declarado a um jornalista que a visita fora "importante" para o restabelecimento de um clima de confiança absoluta entre os dois governos. Disse também que o Brasil era, para Portugal, uma das "pontes" fundamentais da "nossa" política externa, na "nossa abertura para a Europa e para o Atlântico". Em Brasília, o *unafado* conseguiu uma linhazita de crédito de 50 milhões de dólares...

O mesmo Mário Soares foi na semana passada anfitrião num encontro do Partido Trabalhista Brasileiro. Disse, como é seu hábito, que a reunião poderia tornar-se "histórica" (tudo é histórico, agora que a História de Portugal foi deitada para o caixote do lixo), e disse também do seu dever de solidariedade "para com os trabalhistas e democratas brasileiros" — que, segundo o secretário-geral do PS estão "sujeitos a um regime arbitrário e antidemocrático". Prossegue, assim, o "clima de confiança absoluta" entre os dois governos (ou prosseguirá, se Deus quiser humilhar ainda mais este pobre país, e por ironia trágica, viéssemos a ter Mário Soares à frente de outro governo).

A reunião do PTB meteu *coc-tail* num hotel de Lisboa, que isto de se ser oprimido tem de ter as suas compensações; meteu, na presidência honorária, um representante dos guerrilheiros marxistas da Nicarágua; e meteu várias "personalida-

des" brasileiras, de passado duvidoso e quase criminoso, com o qual não queremos cansar nem enojar os leitores. Mas não resistimos a um exemplinho...

O "porta-voz" do PTB, Flávio Tavares, que alegremente informou os povos de que entre os participantes havia gente do MPLA, Frelimo, PAIGC e MLSTP (é curioso recordar que ainda há bem pouco tempo foi expulso de Portugal, país democrático e que colabora com todas as oposições do Mundo a regimes totalitários, Vaal Neto, da FNLA, que combate o MPLA comunista...), Flávio Tavares, dizíamos, é homem com um passado pelo menos curioso.

A 14 de Janeiro deste ano o "Jornal do Brasil" recordava que ele foi elemento de cúpula de um movimento denominado *Rede*, chefiado por Leonel Bizola (outro dos participantes do encontro propiciado pelo PS), movimento que procurava derrubar o governo brasileiro; que organizou guerrilhas na zona do Triângulo, ocupando-se da obtenção de armas; que em 7 de Agosto de 1969 participou no assalto ao Banco Nacional de São Paulo (agência Brás de Pina), de onde foram roubados 50 mil cruzeiros. Outros assaltos; em Setembro de 69 à União de Bancos Brasileiros (agência Ramos), 30 mil cruzeiros; ao Comércio e Indústria de São Paulo, 40 mil cruzeiros; ao Nacional Brasileiro (agência Piedade), 15 mil cruzeiros; e ao Nacional de São Paulo (agência Irajá), 6 mil cruzeiros.

Para porta-voz, não está mal. Está de parabéns o anfitrião, que, aliás também tem nas suas hostes assaltantes célebres como o sr. Inácio... o Palma...